



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

Évelyn Danyelle Cazão dos Santos
Francielle Cecília dos Santos Camelo

QUEBRANDO BARREIRAS: Mulheres Contra o Racismo no Esporte

Florianópolis
2024

Évelyn Danyelle Cazão dos Santos e Francielle Cecília dos Santos Camelo

QUEBRANDO BARREIRAS:

Mulheres Contra o Racismo no Esporte

Relatório técnico do Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Disciplina JOR 6803 - Trabalho de Conclusão de Curso, professora Melina de la Barrera Ayres

Orientador: Profa. Dra. Valci Regina Mousquer Zuculoto.

Florianópolis

2024

Ficha de identificação da obra

dos Santos, Evelyn Danyelle Cazão

QUEBRANDO BARREIRAS: Mulheres Contra o Racismo no
Esporte / Evelyn Danyelle Cazão dos Santos, Francielle
Cecilia dos Santos Camelo ; orientadora, Valci Regina
Mousquer Zuculoto, 2024.

60 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Jornalismo,
Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Jornalismo Sonoro. 3. Racismo. 4.
Podcast . 5. Esportes. I. Camelo, Francielle Cecilia dos
Santos. II. Zuculoto, Valci Regina Mousquer. III.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Jornalismo. IV. Título.

Évelyn Danyelle Cazão dos Santos e Francielle Cecília dos Santos Camelo

QUEBRANDO BARREIRAS: Mulheres Contra o Racismo no Esporte

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo e aprovado em sua forma final pelo Curso de Jornalismo.

Florianópolis, 02 de julho de 2024.

Profa., Dra. Valentina da Silva Nunes
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Profa., Dra. Valci Regina Mousquer Zuculoto
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof., Aureo Mafra de Moraes
Avaliador
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa., Dra. Fernanda Nascimento da Silva
Avaliadora
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Dedicamos este trabalho a Deus, aos nossos maridos, familiares, amigos e todas as fontes que compartilharam conosco suas histórias, dores e lutas contra o racismo e o machismo no esporte.

AGRADECIMENTOS

Fazer um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) já não é tarefa fácil, e sendo mãe e empreendedora, essa demanda se torna ainda mais desafiadora. No entanto, compreendo que os cinco anos e meio dedicados à graduação não apenas contribuíram para meu crescimento profissional, mas também pessoal. Ingressei no curso de Jornalismo da UFSC como uma jovem e hoje, com este trabalho, encerro um ciclo significativo em minha vida: agora como mulher casada, com meu próprio negócio na área da comunicação e com o título mais precioso: mãe.

Primeiramente, agradeço a Deus, pois sem Sua força nada disso seria possível. Aos meus pais, Lúdia e Alexsandro, que desde os meus 12 anos apoiaram minha escolha pelo Jornalismo, sempre confiantes em meu potencial. À minha irmã caçula, Júlia, que mesmo com pouca idade sempre me deu os abraços mais reconfortantes do mundo. Ao meu marido, Iury, que tem sido meu maior incentivador desde os tempos de caloura como meu namorado, na pandemia como meu noivo e hoje, como meu marido. À minha sogra Suely e meu sogro Marcos pelo suporte incondicional. E não poderia deixar de mencionar meu filho Davi, de apenas 1 ano, que é minha fonte de inspiração e motivação. Seu sorriso e sua presença são a força que me impulsiona a perseguir meus sonhos e ser uma pessoa melhor a cada dia.

Agradeço imensamente aos colegas que se tornaram amigos ao longo desses anos: Bárbara Amaral, Ana Carolina, Kaiky Goede Gayer, Lethícia Siqueira, Juliana Ferrari, Gabriela Zwang e Crizan Izauro. Aos doutorandos Raphaela Ferro e Anderson Baltar, que são verdadeiros anjos. Aos professores que tanto me ensinaram, dentro e fora da sala de aula, especialmente à nossa orientadora Valci, pela dedicação incansável e orientação precisa ao longo deste processo. Obrigada por compartilhar seu conhecimento e experiência, mesmo diante de tantas outras demandas acadêmicas. Por fim, agradeço às fontes que compartilharam suas histórias, vocês foram essenciais para a realização deste trabalho.

Com amor, Évelyn Cazão.

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos a todos que tornaram este TCC possível: Primeiramente, agradeço a Deus por me dar forças e guiar meu caminho.

À minha querida mãe, minha parceira e maior fã, obrigada por estar ao meu lado em cada passo deste caminho. Ao meu esposo, Lucas, que segurou todas as pontas (e às vezes, também me segurou) durante essa jornada. Você é incrível e eu te amo muito!

Ao meu amigo e colega de aula, Gabriel Gentile, pela parceria e pelas risadas que aliviaram a caminhada universitária. Aos amigos da Global, que sempre souberam animar até nos dias mais estressantes.

À minha orientadora, Valci Zuculoto, por sua paciência e orientação precisa. Você tem superpoderes! A todos os professores de graduação (isso inclui os professores da Univali de publicidade), que me moldaram e me ensinaram muito mais do que eu poderia imaginar, meu muito obrigado.

Um agradecimento especial também ao Peter e ao Roque, técnicos do radiojor UFSC, pela sua ajuda, paciência, dicas e suporte técnico.

À minha avó que partiu na reta final do TCC.

Obrigada a todos, de coração. Conseguimos, aos trancos e barrancos, mas conseguimos. Francielle.

"Ser negro no Brasil é, pois, com frequência, ser objeto de um olhar enviesado. A chamada boa sociedade parece considerar que há um lugar predeterminado, lá em baixo, para os negros e assim tranquilamente se comporta."

(Ser negro no Brasil hoje, Milton Santos)

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado "QUEBRANDO BARREIRAS: Mulheres Contra o Racismo no Esporte", investiga o racismo enfrentado por mulheres no esporte, em que se intersectam preconceitos de gênero e raça. Produzido como Reportagem em Áudio e apresentado em formato de *podcast*, com dois episódios, utiliza pesquisa documental e entrevistas para amplificar a voz das atletas afetadas. O objetivo é informar, inspirar mudanças, e promover maior conscientização sobre a importância da igualdade de gênero e raça no esporte, contribuindo para um ambiente esportivo mais justo e inclusivo para todas as mulheres.

Palavras-chave: Jornalismo Sonoro; TCC UFSC; Radiojornalismo, *Podcast*; Esportes; Racismo.

ABSTRACT

This Final Course Project (CCP), titled "BREAKING BARRIERS: Women Against Racism in Sports," investigates the racism faced by women in sports, where gender and racial prejudices intersect. Produced as an audio report and presented in podcast format with two episodes, it uses documentary research and interviews to amplify the voices of affected athletes. The objective is to inform, inspire change, and promote greater awareness of the importance of gender and racial equality in sports, contributing to a fairer and more inclusive sports environment for all women.

Keywords: Sound Journalism; Final Project UFSC; Radio Journalism, Podcast; Sports; Racism.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CBF - Confederação Brasileira de Futebol

CONMEBOL - Confederação Sul-Americana de Futebol

CNN - *Cable News Network*

FIFA - Federação Internacional de Futebol

FIFPro - Federação Internacional dos Jogadores Profissionais de Futebol

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

JASC - Jogos Abertos de Santa Catarina

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

TCDI - Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO DO TEMA	12
1.1 JUSTIFICATIVA	14
1.2 ENVOLVIMENTO PESSOAL COM O TEMA	15
1.3 ESCOLHA DE MÍDIA E FORMATO	17
2. OBJETIVOS	20
2.1 OBJETIVO GERAL	20
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	20
3. DEFINIÇÃO DOS PROCESSOS DE PRODUÇÃO	20
3.1 DEFINIÇÃO DE PAUTA	20
3.2 PLANEJAMENTO	21
3.3 APURAÇÃO	22
3.3.1 Fontes	23
3.3.2 Entrevistas	24
3.4 PRODUÇÃO	26
3.4.1 Episódio 1	27
3.4.2 Episódio 2	28
3.5 FORMATO	29
5. CONCLUSÃO	31
REFERÊNCIAS	33
APÊNDICES	35
ANEXOS	57

1 APRESENTAÇÃO DO TEMA

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), produzido como Reportagem em Áudio e apresentado em formato de *podcast* jornalístico, foi desenvolvido no âmbito da Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), tendo como tema central as barreiras quebradas pelas mulheres ao enfrentarem o racismo no esporte. Para sua produção, desde a pauta, apuração, investigação até a edição final, procurou-se implementar uma abordagem e uma narrativa recorrendo à pesquisa documental, incluindo bibliográfica, e a entrevistas jornalísticas com 11 fontes. Visando informar, inspirar mudanças e promover maior conscientização sobre a importância da igualdade de gênero e raça no esporte, contribuindo para um ambiente esportivo mais justo e inclusivo para todas as mulheres, o *podcast* expõe e debate as principais questões relacionadas ao tema geral. Destacam-se: o histórico de exclusão enfrentado por atletas negras em vários esportes, com foco no judô, vôlei e futebol; a pressão em competições de alto nível, discriminação explícita e velada; o desgaste mental causado por situações de preconceito racial e de gênero; a falta de apoio e isolamento após denúncias de atos racistas; o atraso na constituição e desenvolvimento de equipes femininas, no século XX, por conta do decreto-lei de 1941, que até 1979 proibiu as mulheres de praticar qualquer esporte considerado masculino; e a não representatividade de jornalistas negras em papéis de destaque em programas esportivos. Além da pesquisa documental, apresentamos e discutimos o tema por meio de entrevistas com as seguintes fontes: duas judocas, uma técnica de judô, psicóloga, jogadora de futebol de campo e outra de futsal, duas jornalistas esportivas e três jogadoras de voleibol. Importa referir que todas as mulheres têm percursos de vida distintos, diferentes histórias no mundo esportivo e são negras.

Historicamente, os esportes atraíram as classes subalternas em razão da possibilidade de ascensão social, já que os esportes se tornaram espetáculos para consumo em massa (Lopes, 2014). Com a grande visibilidade em sua maior parte relacionada com os meios de comunicação, são expostas as desigualdades sociais, raciais e de gênero que estão presentes na sociedade brasileira, que analisamos neste estudo. Dentre tais desigualdades sociais presentes na história da sociedade brasileira, o fenômeno do racismo contra mulheres apresenta-se como um dos desafios enfrentados por diversas atletas e profissionais negras relacionadas ao mundo social do esporte. Em síntese, em alguns determinados esportes o acesso de mulheres e homens negros é limitado, sendo a participação nesses meios dominada

por classes dominantes e, por consequência, a presença de negros é praticamente inexistente (Assumpção et al., 2010). No caso das mulheres negras frequentando, se informando ou apenas assistindo a esportes, são perceptíveis os conflitos sociais decorrentes de preconceito racial que se interceptam com questões de gênero (Ferreti; Knijnik, 2008).

No Brasil, a disparidade salarial entre as seleções de futebol feminina e masculina é alarmante. Tendo em vista que, na Copa do Mundo de Futebol de 2023, as mulheres ganharam, em média, apenas 25 centavos para cada dólar ganho pelos homens em sua competição em 2022. Esse dado foi fornecido pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) e pelo sindicato global de jogadores conhecido como Supporting Professional Football Players Worldwide (FIFpro), com tradução livre para o português Federação Internacional de Associação de Jogadores Profissionais, ao estudo realizado pela CNN Brasil. Ainda com o investimento e a desigualdade salarial distantes, as equipes femininas tiveram aumento desde a Copa de 2019, quando a remuneração era de menos de oito centavos para cada dólar de jogador.

Em 2023, cerca de US\$ 49 milhões do recorte de US\$ 110 milhões do aporte direcionado à Copa do Mundo Feminina foi diretamente para as jogadoras, sendo pelo menos US\$ 30 mil para cada jogadora e US\$ 210 mil para cada integrante da seleção campeã (FIFA, 2023). Ainda segundo o presidente da Federação, Gianni Infantino, o órgão está embarcando em uma "jornada histórica pelo futebol feminino e pela igualdade", acrescentando que o objetivo é a igualdade de pagamentos nas Copas do Mundo masculina e feminina em 2026 e 2027, quando ocorrerá no Brasil.

Mesmo com as projeções de aumento salarial no futebol, por exemplo, as atletas negras seguem na intersecção de ter que enfrentar o racismo e o machismo, precisando treinar, se destacar e enfrentar abalos psicológicos causados por ações que muitas vezes não são relatadas na mídia ou com consequências sérias na justiça. Na nossa pesquisa, entrevistamos também Maria Heloísa Vieira, bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde liderou ainda na graduação o projeto de extensão chamado Donas do Placar, no qual apenas alunas realizaram as coberturas, narrações e reportagens da Copa do Mundo Feminina de 2019. Maria também foi a primeira jornalista negra a integrar o time de comunicação do Avaí Futebol Clube, localizado na cidade de Florianópolis, em Santa Catarina, e tem como sua inspiração e referência a força e luta da atleta negra Aída Santos.

Superando a tripla discriminação que sofriam as mulheres do atletismo negras e pobres, Aída ainda alcançou o quarto

lugar no salto em altura nas Olimpíadas do Japão - realizadas em 1964 -, numa delegação em que o restante dos atletas eram apenas homens (Farias, 2011).

A ocupação de mulheres negras na área é de suma importância, tendo em vista que o esporte é um agente de socialização, inclusão social e construção identitária. Os clubes, equipes ou associações esportivas transmitem um conjunto de normas e valores sociais que moldam atitudes e comportamentos individuais, e essa inclusão insere as atletas no meio social ao nosso redor. Na Reportagem em Áudio, em formato de *podcast*, por meio de dois episódios com média de 20 a 30 minutos, relatamos a importância da imprensa em dar espaço a mulheres que muitas vezes são silenciadas juntamente com muito preconceito. Com valorização, igualdade salarial, investimento em categorias de base e a punição para casos de racismo e machismo, as novas gerações de meninas terão a oportunidade de escolher de forma livre o caminho dos esportes sem medo de serem rejeitadas, podendo então inserir-se em um grupo e desenvolver sentimentos de pertença ao coletivo.

1.1 JUSTIFICATIVA

A escolha de abordar o tema do racismo enfrentado por mulheres negras no esporte foi motivada por uma profunda necessidade de destacar e confrontar as injustiças específicas que essas atletas enfrentam. Como autoras desta reportagem, carregamos experiências pessoais e observações diretas que nos sensibilizaram para a realidade dessas mulheres, que muitas vezes são marginalizadas, estereotipadas e discriminadas dentro do ambiente esportivo.

Segundo Stuart Hall, ser estereotipado significa ser "reduzido a alguns elementos fixados pela natureza, a umas poucas características simplificadas" (Hall, 2016, p. 169). Ainda conforme o autor,

[os estereótipos] se apossam das poucas características simples, vívidas, memoráveis, facilmente compreendidas e amplamente reconhecidas” sobre uma pessoa; tudo sobre ela é reduzido a esses traços que são, depois, exagerados e simplificados. [...] a estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a “diferença”. (Hall, 2016, p. 191, grifo do autor)

Os atos de racismo variam desde ofensas verbais, como chamar alguém de macaca, até gestos depreciativos, como atirar bananas em direção a jogadoras negras no campo. Em casos

mais graves, incluem a destruição de bens pessoais devido à cor da pele. E essas atitudes racistas não se restringem às torcidas e arquibancadas, mas também ocorrem dentro das quadras e campos, envolvendo atletas, jogadores e companheiros de equipe.

O racismo enfrentado por mulheres negras no esporte é uma manifestação especialmente perniciosa de um problema social mais amplo. Essas atletas enfrentam uma dupla discriminação, sendo alvos tanto do sexismo quanto do racismo, o que amplifica os desafios que enfrentam em suas carreiras esportivas. Desde comentários racistas até a falta de apoio e oportunidades equitativas, essas mulheres enfrentam obstáculos únicos que minam não apenas seu desempenho atlético, mas também sua saúde mental e bem-estar emocional.

Ao destacar o racismo contra mulheres negras no ambiente esportivo, o trabalho busca não apenas expor uma injustiça específica, mas também questionar e desafiar as estruturas mais amplas de opressão e exclusão que perpetuam essas formas de discriminação. A reportagem em áudio se apresenta como uma ferramenta poderosa para atingir esses objetivos, permitindo uma investigação aprofundada e uma narrativa envolvente que sensibilize e mobilize a sociedade para a importância de enfrentar o racismo sistêmico no esporte.

Reconhecemos que o jornalismo desempenha um papel crucial na conscientização e promoção da mudança social, e acreditamos firmemente que esta reportagem pode contribuir para esse esforço. Ao dar voz às experiências e lutas das mulheres negras no esporte, esperamos inspirar uma reflexão crítica e ações efetivas para erradicar essas práticas discriminatórias e criar um ambiente esportivo mais inclusivo e justo para todas as atletas. Este trabalho não apenas informa, mas também busca inspirar uma mudança significativa e duradoura na cultura esportiva, onde a diversidade é valorizada, celebrada e protegida.

1.2 ENVOLVIMENTO PESSOAL COM O TEMA

Somos duas mulheres negras e desde o princípio entendemos que precisávamos dar voz por meio da comunicação a uma pauta tão relevante e pouco investigada e estudada. Eu, Évelyn Cazão, nasci e fui criada na Zona Sul de Porto Alegre, no Aberta dos Morros, onde jogava futebol na rua ou na escola sempre com os meninos. Ainda na época do ensino fundamental, lembro que tínhamos um momento de literatura na biblioteca e a professora já sabia que eu só ficaria interessada em livros que fossem sobre esportes, mais precisamente sobre as histórias dos clubes de futebol brasileiro. Mas ainda criança, com uma mãe branca e

um pai negro, eu não tinha a consciência de que era uma menina preta.

Com 11 anos, eu decidi que queria ser jornalista esportiva, mas desde a minha decisão eu passei a consumir mais produtos e programas esportivos, mas em todos eles eram raros os momentos em que encontrava alguma jornalista que me representasse. Às vésperas de ingressar na Universidade Federal de Santa Catarina, eu comecei a ter consciência racial, e desde o meu início na vida acadêmica eu busco refletir a minha identidade com estudos, pesquisas e trabalhos relacionados à visibilidade das mulheres negras em diversas áreas, como a produção de uma revista na terceira fase do curso, onde ao lado de mais duas colegas negras, escrevemos e diagramamos 60 páginas de conteúdo autoral sobre a história das mulheres negras no Brasil, enfatizando de que não somos descendentes de escravizados, somos descendentes de reis e rainhas.

Com o TCC se aproximando, sabia que queria abordar algum ponto da história do povo negro, inicialmente seria *podcasts* sobre os quilombos em Florianópolis e o seu passado não contado às novas gerações. Contudo, o esporte, minha grande paixão, não poderia ficar de fora do fechamento desse ciclo tão importante para mim que foi a graduação. Conversei com a minha colega de curso, Francielle Cecília, e decidimos formar dupla para explorar como as mulheres negras estão quebrando barreiras contra o racismo e o preconceito de gênero no mundo esportivo.

Eu, Francielle Cecília, tenho uma relação profunda e duradoura com o esporte, que começou na minha infância. Desde cedo, me dediquei à prática do judô, o que me proporcionou uma compreensão única das dinâmicas esportivas e dos desafios enfrentados pelos atletas. Ao longo dos anos, minha paixão pelo esporte se expandiu para além da prática pessoal, levando-me a trabalhar com eventos esportivos desde 2011. Essa experiência profissional me permitiu observar de perto as diversas questões sociais e culturais que rodeiam o mundo esportivo, incluindo a discriminação racial e de gênero.

Como mulher negra, também vivenciei pessoalmente o racismo tanto na minha trajetória esportiva quanto na minha vida cotidiana. Essas experiências me motivaram a investigar mais a fundo as barreiras específicas que as mulheres negras enfrentam no esporte. A combinação das minhas vivências pessoais com o racismo e minha experiência profissional no esporte me proporciona uma perspectiva única e valiosa para abordar o tema “Quebrando Barreiras: Mulheres Contra o Racismo no Esporte”.

Através deste trabalho, pretendo falar das histórias e desafios de outras mulheres negras no esporte, destacando suas lutas e conquistas. Meu objetivo como futura jornalista

sempre foi contribuir para a conscientização e a promoção de mudanças significativas que possam levar a um ambiente esportivo mais justo e inclusivo para todos. Com este TCC, espero não apenas aumentar a visibilidade do problema, mas também inspirar ações concretas para podermos diminuir cada dia mais o racismo no esporte.

1.3 ESCOLHA DE MÍDIA E FORMATO

A escolha da Reportagem em Áudio, em formato *podcast*, representa uma abordagem inovadora que permite explorar o tema do racismo no esporte feminino utilizando elementos sonoros, entrevistas e narrações. O áudio permite uma narrativa informativa e acessível ao mesmo tempo, já que, segundo o Inside Audio 2023¹, 9 em cada 10 pessoas o consomem em algum formato – seja no rádio de antena, nos streamings ou em *podcasts*.

O sucesso do formato abriu novos horizontes ao radiojornalismo tradicional, criando uma linguagem própria:

[...] novo formato de radiojornalismo que conquista audiências através de múltiplas formas de distribuição e que, aos poucos, vai desenvolvendo uma linguagem sonora própria, tributária das experiências do chamado jornalismo narrativo, literário, lento ou qualquer nome que se queira dar a este novo formato de reportagens investigativas e de interesse humano." (Kischinhevsky, 2018, p. 80).

Ao adotar os critérios de noticiabilidade de Nelson Traquina (Traquina, 2005, p. 62) e os princípios fundamentais do jornalismo de Bill Kovach e Tom Rosentiel (2019, p. 46), o *podcast* transcende seu papel inicial como mero meio de entretenimento ou veículo de propaganda. Segundo Pulga, ele se propõe a fornecer informação baseada em fatos, de maneira objetiva, abrangente e significativa. Isso não apenas fortalece sua credibilidade, mas também desempenha um papel crucial ao capacitar os ouvintes com uma compreensão mais profunda e crítica dos assuntos abordados. Dessa forma, os *podcasts* não só contribuem para o debate público e a democracia informacional, mas também promovem uma cultura de responsabilidade jornalística e reflexão crítica na era digital.

Ao optarmos por uma reportagem sonora em dois episódios de *podcast*, com duração total de 20 a 30 minutos cada, divididos em dois blocos, buscamos aproveitar as características únicas do meio sonoro. O áudio permite uma imersão mais íntima nas histórias

e experiências compartilhadas pelas atletas, oferecendo um espaço para nuances emocionais e detalhes que podem não ser tão facilmente transmitidos por outros meios de comunicação. Como o formato é amplamente disseminado por agregadores, o consumidor precisa buscar os produtos e fazer as conexões entre os assuntos de interesse. O *podcast* não se limita a regras fixas, abrigando uma multiplicidade de temas.

Certamente, um fator de sedução é a ausência de regras rígidas nos podcasts. Não há padrões de locução ou restrições em termos de linguagem e temas abordados. A principal hierarquização se dá por meio dos diretórios, que, muitas vezes, classificam as emissoras a partir de rótulos preexistentes, com ancoragem nas rádios convencionais. (Herschmann; Kischinhevsky, 2008, pg.101).

Portanto, o *podcast* é um formato versátil que permite abordar uma variedade de temas de diversas maneiras, acessível a qualquer internauta com conhecimento básico de *TDCIs*.

Os conteúdos em áudio nos permitem explorar não apenas os aspectos históricos do racismo no esporte feminino, mas também as experiências de todas as profissionais que estão envolvidas em modalidades esportivas e enfrentam o machismo e o racismo quase que diariamente durante as competições ou dentro do próprio clube e/ou associação. Com métodos jornalísticos como pesquisa documental, entrevistas e recapitulação de lances icônicos realizados por mulheres negras, que tinham como principal meio de comunicação o rádio, destacamos tanto os desafios quanto às iniciativas de resistência e mudanças.

Além dos pontos citados, o *podcast* está no último *Inside Áudio 2023* como um novo destaque de consumo de rádio, com 22%, evidenciando o caráter popular e agregador do meio de comunicação, além de apresentar crescimento constante, com aumento de 23% em relação ao ano de 2022. Entre os temas mais procurados no formato, o esporte aparece em quarto lugar, com 23%. Com essa base, escolhemos realizar dois episódios, proporcionando uma visão ampla e detalhada do assunto. O formato surgiu em 2004 e apresenta um crescimento constante nos últimos anos, como comprova a pesquisa da Volt Data Lab¹ de agosto de 2019, que revela que a produção dos 100 principais *podcasts* brasileiros cresceu 200 vezes desde 2005, com mais de 3.400 episódios publicados em 2018 (Viana, 2020).

Foi elaborada uma extensa série de reportagens que se alinha perfeitamente às concepções deste formato radiojornalístico.

A grande reportagem pode, desse modo, incorporar recursos de sonoplastia. Os efeitos sonoros, no entanto, devem ser usados com parcimônia e dentro do ocorrido efetivamente no ambiente dos acontecimentos. O uso de

trilhas musicais segue, também, ideias semelhantes: os instrumentais auxiliam na pontuação e criam climas, enquanto a letra em si pode acrescentar informação. Mesmo assim, na narrativa, predomina a palavra do repórter. [...] A notícia vai estar sempre no texto; o restante serve apenas para reforçá-la." (Ferraretto, 2014, p. 169).

Assim, a habilidade de integrar elementos sonoros de forma equilibrada e subordinada à narrativa jornalística é fundamental para manter a integridade informativa e a clareza da mensagem transmitida ao público.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Produzir uma série de reportagens em formato de *podcast*, com dois episódios, contendo entrevistas exclusivas de atletas e jornalistas negras que tenham enfrentado diretamente situações de racismo no esporte. A proposta é dar visibilidade ao combate ao preconceito de gênero e raça em modalidades como judô, vôlei e futebol de campo, além de promover uma reflexão crítica sobre as práticas discriminatórias e a necessidade de mudanças no meio esportivo

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar aspectos singulares do racismo contra mulheres no esporte por meio de entrevistas com atletas negras;
- Expressar, por meio das histórias compartilhadas, as situações de racismo em competições, treinamentos e na convivência com colegas e técnicos;
- Entender as estratégias de resistência e superação adotadas pelas esportistas negras;
- Contribuir para promover a conscientização pública sobre a gravidade do racismo no esporte.

¹ Inside Audio 2023 está disponível::

<https://kantariobopemedia.com/conteudo/estudo/inside-audio-2023>>. Acesso em: 26 jun. 2024

3. DEFINIÇÃO DOS PROCESSOS DE PRODUÇÃO

3.1 DEFINIÇÃO DE PAUTA

A primeira definição da pauta ocorreu no início do semestre 2024.1, quando decidimos modificar o tema do Trabalho de Conclusão de Curso e formar uma dupla. Nas aulas de Planejamento de TCC, inicialmente escolhemos outro assunto, mas optamos por uma reportagem sonora no formato de *podcast*. Assim, decidimos abordar o tema do racismo nos esportes de forma geral, dividido em cinco episódios de 20 minutos. O primeiro episódio serviria como uma contextualização sobre o tema, seguido pelo segundo, terceiro e quarto episódios que tratariam de casos como o de Rafaela Silva, que recebeu insultos racistas nas Olimpíadas de Londres, os constantes ataques enfrentados por Vinícius Júnior no Real Madrid, e a luta contra o racismo do ex-árbitro de futebol e comentarista Márcio Chagas durante uma partida. O último episódio seria uma mesa redonda com especialistas estudiosos do fenômeno do racismo nos esportes, além de uma análise de comunicadores sobre o papel da imprensa na cobertura desses casos complexos.

Contudo, após investigações adicionais e orientação das professoras Melina de la Barrera Ayres e Valci Regina Mousquer Zuculoto, percebemos a importância de focar em casos que envolvem a intersecção de gênero e preconceito racial. Com aproximadamente dois meses de apuração e entrevistas, deparando-nos com desafios como a tragédia climática no Rio Grande do Sul, que impossibilitou entrevistas com atletas locais, além das Olimpíadas e a greve estudantil nacional que afetou o curso de Jornalismo da UFSC, ajustamos nosso trabalho para dois episódios de 20 a 30 minutos de duração. O primeiro episódio abordaria a contextualização e a linha do tempo das mulheres no esporte, enquanto o segundo exploraria a disparidade salarial e os desafios enfrentados por atletas e jornalistas negras.

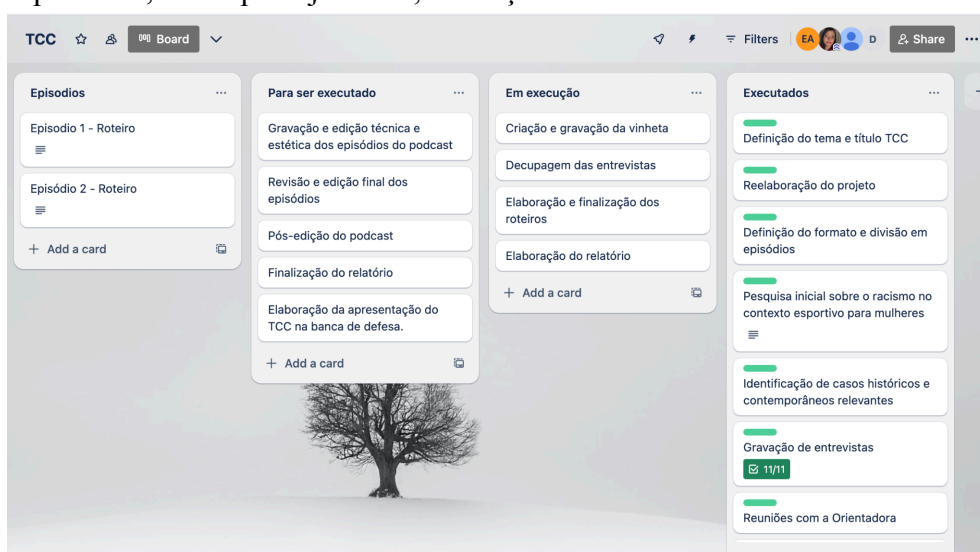
Assim, nossa pauta, inicialmente focada apenas no aspecto racial, passou a incluir a interseccionalidade de gênero e raça. O estudo sobre o tema no campo esportivo começou a ganhar destaque no final dos anos 1980, intensificando-se na década de 1990 e consolidando-se nos anos 2000 com projetos de pesquisa associados a programas de pós-graduação, além da publicação de livros, teses e dissertações (Devide et al., 2011). Desta forma, conseguimos aprofundar nossa pesquisa e produzir um material que ainda não recebeu a devida atenção acadêmica e exploratória.

3.2 PLANEJAMENTO

No semestre acadêmico de 2024.1, durante a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, alteramos a definição da pauta e formamos dupla. Nesse momento, começamos a buscar informações sobre o tema e a definir quais abordagens gostaríamos que estivessem presentes no material final do TCC. Reunimos cerca de 40 fontes que poderiam ser contatadas na apuração – destas, 32 foram efetivamente contatadas e 11 entrevistadas. Também organizamos um cronograma no *Trello* com as atividades a serem desenvolvidas por etapas para que a elaboração do trabalho transcorresse dentro do tempo estipulado de um semestre.

Após estabelecermos o tema e o caminho que iríamos percorrer, as primeiras atividades que realizamos foram de organização e planejamento. Adaptamos o cronograma mensal para separar as atividades por quinzena e, mais próximo da defesa, por semana. Criamos um espaço na ferramenta do *Google Drive* onde conseguimos organizar os materiais em pastas separadas, tais como Apuração, Relatório, Entrevistas, Roteiros e Leitura Teórica.

Por fim, elaboramos um quadro na plataforma de gerenciamento de tarefas *Trello*. Através dele, definimos quais atividades seriam realizadas em cada semana, os prazos, quais materiais ainda deveriam ser lidos, como estava o processo de entrevista com cada fonte (busca, primeiro contato por e-mail, *WhatsApp* ou *Direct do Instagram*, elaboração de perguntas, entrevistas ou transcrição de áudio) e todas as outras etapas necessárias para que o TCC progredisse dentro do tempo estipulado. Além disso, cada atividade foi categorizada em sua fase de processo, como planejamento, execução e concluído.



3.3 APURAÇÃO

A apuração ocorreu majoritariamente entre abril e maio de 2024. Primeiramente, começamos a ler matérias e artigos sobre o racismo no esporte, sobre as esportistas negras e o papel da imprensa diante de atos racistas no meio esportivo. A partir desse momento, começamos a entrar em contato com as fontes que já tínhamos listado, organizando o primeiro episódio para Francielle e o segundo para Evelyn. Contatamos diferentes atletas e profissionais negras de esportes como judô, futsal, vôlei e futebol, mas enfrentamos três grandes desafios.

Primeiro: o desastre climático que ocorreu no Rio Grande do Sul, devido às fortes chuvas. Como tínhamos muitas fontes gaúchas, ficou totalmente inviável continuar o contato com elas ou esperar que pudessem nos dar entrevistas, pois muitas estavam com as casas debaixo d'água ou ajudando voluntariamente quem tinha perdido todos os seus bens materiais.

Segundo: os treinos para as Olimpíadas. Muitas atletas não conseguiram nem responder ao nosso primeiro contato devido à agenda corrida nesta fase do ano, durante a competição. Um exemplo é a jogadora de futebol feminino Cristiane. Ficamos em contato com sua assessora Tatiane, que afirmou em todas as ocasiões que a atleta conseguiria responder às perguntas, mas ela foi convocada para jogar pela seleção brasileira, o que alterou toda a sua agenda. No prazo final para fecharmos o roteiro, fomos informados de que não seria possível realizar a entrevista com a esportista neste momento.

Terceiro: houve uma greve nacional e a UFSC, juntamente com alguns cursos de graduação, incluindo Jornalismo, aderiram à paralisação, o que nos forçou a reorganizar todo o nosso cronograma e adaptar as formas de captação de áudio. Houve momentos em que não pudemos acessar o prédio do curso devido à obstrução com cadeiras empilhadas para proibir a passagem.

Além desses três principais desafios enfrentados durante a apuração, consideramos importante destacar outras questões pessoais que também impactaram esse processo, como a perda de um amigo próximo e da avó de Francielle, além de quase três dias de febre alta (39,7 graus) de Davi, filho de um ano de Evelyn.

Mesmo com todas essas questões, conseguimos avançar em nosso processo, entrevistando judocas, técnicas, psicólogas, jogadoras de futsal, futebol e vôlei, além de jornalistas esportivas negras que compartilharam conosco suas experiências no enfrentamento do machismo e racismo, e demos forma ao nosso material.

3.3.1 Fontes

Escolher, listar, contatar e entrevistar as fontes foi a parte que mais demandou nosso tempo e esforço em todo o TCC. Devido aos imprevistos climáticos, de agenda, da graduação e também pessoais, conseguir as 11 fontes foi um trabalho árduo, especialmente porque buscamos - e conseguimos - falar não apenas com jogadoras de futebol, por exemplo, mas também com atletas de outros esportes e profissionais de outras áreas do meio esportivo. Por meio das fontes, obtivemos relatos autênticos de momentos que ganharam destaque nacional, como os da judoca Rafaela Silva, mas também de casos que não repercutiram tanto quanto deveriam.

As entrevistadas neste trabalho final são: Aline Santos, Talita Libório Moraes, Dani Suco, Thaís Oliveira, Camilly Ornellas, Siméia Alves da Silva, todas atletas; Maria Heloísa Vieira e Vera Daisy Barcellos, jornalistas esportivas; Juliana Silva, psicóloga; e Rosicleia Campos, técnica.

No primeiro episódio, que aborda o contexto histórico em um formato semelhante à linha do tempo sobre o racismo enfrentado por mulheres no esporte e os principais desafios atuais para as esportistas negras, foram entrevistadas Aline Santos, jogadora de futsal do JASC, Talita Libório Moraes e Rafaela Silva, judocas, Juliana Silva, psicóloga de atletas, e Rosicleia Campos, técnica.

No segundo episódio, que contextualiza historicamente a disparidade salarial no vôlei e no futebol, além da análise das jornalistas esportivas sobre o papel da imprensa diante de casos de racismo nos esportes, no primeiro bloco discutimos a diferença de salários no vôlei e seus desafios atuais, entrevistando Dani Suco, Thaís Oliveira e Camilly Ornellas, todas jogadoras do Tijuca Tênis Clube, do Rio de Janeiro. No segundo bloco, abordamos o mesmo tema, mas desta vez no futebol de campo feminino, com entrevistas da jogadora do Avaí Kindermann, Siméia Alves da Silva. Para concluir o bloco, trouxemos uma breve análise de Vera Daisy Barcellos e Maria Heloísa Vieira, primeira jornalista esportiva negra do Brasil e primeira comunicadora preta do Avaí Futebol Clube, respectivamente, sobre os desafios da jornalista esportiva negra e o papel da imprensa no Brasil em coberturas de casos de preconceito racial.

3.3.2 Entrevistas

Por conta dos desafios enfrentados, que já foram relatados neste documento, as entrevistas foram realizadas tanto de forma presencial quanto remota. As remotas foram feitas por meio da plataforma *Google Meet* e decupadas no *Pintpoint*, outra ferramenta do Google. Também foram realizadas quatro entrevistas diretamente pelo *WhatsApp*, nos casos em que as fontes não tinham tempo ou internet estável para entrar no *Google Meet*. Além disso, também conversamos por mais tempo no *WhatsApp* com diversas fontes para esclarecer dúvidas de datas, idades, nomes e outras informações para o TCC.

Das 11 entrevistas realizadas, nove foram feitas remotamente, e o restante presencialmente. Os encontros presenciais foram com Rosicleia Campos, atual técnica da Seleção Brasileira de Judô Feminino, e Aline Santos, jogadora de futsal há dez anos, atualmente no JASC em Florianópolis e ativista pela igualdade racial no esporte.

As entrevistas ocorreram de maneiras distintas, dependendo da natureza dos entrevistados. Entretanto, todas começaram da mesma maneira: primeiro explicamos o tema do projeto e seu formato. Muitos estão acostumados com *podcasts* de youtubers e pensavam que a entrevista seria presencial, em estúdio, e um simples bate-papo sobre sua trajetória de carreira. Com uma explicação atenciosa e detalhada, logo entenderam que o objetivo final do TCC era uma reportagem sonora no formato de *podcast*. Com isso, algumas entrevistadas, como a jornalista Vera Daisy Barcellos, que tem uma agenda muito apertada, primeiro enviaram as respostas por escrito e só após explicarmos novamente o projeto que estávamos desenvolvendo, ela enviou as respostas em áudio.

Como nosso trabalho possui dois episódios e, portanto, duas temáticas diferentes dentro do tema principal, as perguntas para as fontes do primeiro e segundo episódios foram diferentes. Para as esportistas Aline Santos, Talita Libório Moraes e Rafaela Silva, por exemplo, perguntamos sobre os maiores desafios que enfrentam sendo atletas negras. No primeiro episódio, Juliana Silva, psicóloga, respondeu às seguintes questões:

- Poderia compartilhar um pouco sobre seu trabalho com atletas mulheres que enfrentam situações de racismo em suas modalidades?
- Quais são os recursos e apoios adicionais que você considera essenciais para apoiar essas atletas que sofrem racismo?

Já para Rosicleia Campos, que foi técnica da judoca Rafaela Silva durante os ataques racistas que ela enfrentou em 2012, foram feitas as seguintes perguntas:

- Como foi viver esse momento em que Rafaela estava vulnerável e sofreu tantos ataques?
- Qual foi a sensação de comemorar o ouro olímpico?

Para o segundo episódio, perguntamos a Dani Suco, Thaís Oliveira e Camilly Ornellas como foi enfrentar os atos racistas cometidos por um grupo de torcedores do Curitiba Vôlei, na capital do Paraná. Entre as três jogadoras de voleibol, Camilly foi a que mais falou sobre os desafios adicionais que enfrentam por serem atletas negras.

No segundo bloco, o tema foi direcionado para o futebol de campo e os desafios das jornalistas esportivas negras, assim como a análise da mídia na cobertura de casos de preconceito racial e de gênero. Siméia Alves da Silva, atual zagueira do Avaí Kindermann, de Caçador, foi perguntada se já sofreu algum ato racista no meio esportivo, como lida com situações de preconceito racial e de gênero, se acredita que há disparidade salarial entre jogadores e jogadoras de futebol e como acredita que a modalidade pode combater o racismo e promover a inclusão e a igualdade de todos. Já para as jornalistas Vera Daisy Barcellos e Maria Heloísa Vieira, que quebraram barreiras, foram feitas as seguintes perguntas:

- Quais barreiras você acredita que a geração atual de jornalistas esportivas negras precisa superar?
- Ao longo de sua carreira, você notou algum padrão na maneira como a imprensa aborda casos de racismo no esporte, especialmente quando envolvem mulheres?
- Na sua opinião, qual seria a abordagem ideal da mídia ao relatar incidentes de racismo envolvendo mulheres no esporte? Quais aspectos são frequentemente negligenciados e precisam de mais atenção?
- Quais são os principais desafios enfrentados por jornalistas negras ao cobrir esportes, especialmente em contextos onde questões como racismo são relevantes?

As entrevistas, em geral, tiveram duração de 20 a 40 minutos, algumas ultrapassando esse tempo. Ao todo, foram 11 entrevistas, totalizando 35 páginas de entrevistas decupadas

3.4 PRODUÇÃO

Finalizada a apuração, iniciamos a montagem dos roteiros. Novamente, para otimizar o tempo, separamos cada episódio para uma escrever o material nos padrões radiofônicos acerca da Reportagem em Áudio, em configuração de *podcast* jornalístico. Mas, embora cada uma tivesse uma demanda direcionada, realizamos reuniões quinzenais para avaliar e

contribuir uma com o roteiro escrito pela outra, visando à prática, mas também mantendo o trabalho em conjunto.

Durante a etapa da escrita, nós nos atentamos em fazer um modelo dinâmico e condizente com os materiais publicados em configuração de *podcasts*. Além disso, os roteiros seguem regras básicas do rádio, como a escrita dos números por extenso e sublinhados, utilização de barras ao fim das frases para denotar pausas às locutoras.

Os episódios foram organizados com uma mescla de locuções, trechos de entrevistas realizadas pelas autoras e históricas, além de áudios antigos de lances de mulheres negras no esporte. Após a criação e finalização do texto, a locução foi feita por Evelyn Cazão e Francielle Cecília, além dos também graduandos da Universidade Federal de Santa Catarina Pietra Simioni Matos na locução de vinheta e Gabriel Phillipi com locução de narração estilo Repórter Esso. A edição dos áudios e montagem dos episódios foi feita com o software de edição *Adobe Audition*.

A ordem do roteiro foi pensada para trazer o assunto sempre primeiro com uma contextualização do tema do episódio, com detalhes acessíveis para cumprir com a proposta inicial de ser uma reportagem sonora que alcance bastante pessoas e fora da bolha de quem já conhece sobre os temas esportivos. O primeiro episódio fala sobre a história das mulheres negras no esporte, começando no século XX até os dias atuais, além de trazer entrevistas com esportistas negras que enfrentaram ataques racistas no ambiente de trabalho. O segundo, por sua vez, aborda dados históricos sobre as mulheres em geral nos esportes, desde o Decreto-lei número 3.199 de 14 de abril de 1941 até a atualidade, e também vivências das atletas de vôlei e futebol, além das experiências e análises de duas jornalistas esportivas negras.

3.4.1 Episódio 1

No primeiro bloco do nosso episódio 1, exploramos o racismo enfrentado por mulheres negras no cenário esportivo. Discutimos a persistência desse problema, apesar de alguns avanços, destacando estatísticas que revelam sub-representação e discriminação em competições e liderança. Entrevistamos atletas como Aline Santos, destacada no futsal e ativista pela igualdade racial, e Talita Libório Moraes, judoca que enfrentou discriminação durante competições, ilustrando os desafios enfrentados por essas mulheres. Também abordamos os impactos psicológicos do racismo, com *insights* da psicóloga Juliana Silva, e narramos o caso de Rafaela Silva, judoca que enfrentou ataques racistas após uma eliminação

olímpica, e entrevistamos sua técnica na época. Concluimos destacando a resiliência das atletas, que não apenas superaram desafios pessoais, mas também usam suas vozes para promover mudanças positivas no esporte e na sociedade.

No segundo bloco do nosso episódio "Quebrando Barreiras: Mulheres contra o Racismo no Esporte", exploramos a história das mulheres negras no esporte, desde o século XX até os dias atuais. Discutimos figuras pioneiras como Alice Coachman e Maria Lenk, que superaram obstáculos significativos para abrir caminho para futuras gerações de atletas. Destacamos também o impacto de atletas contemporâneas como Daiane dos Santos e Marta, não apenas por suas conquistas esportivas excepcionais, mas também por sua atuação como vozes importantes na luta contra o racismo e pela igualdade no esporte. Além das conquistas individuais, abordamos iniciativas como a 'Coalizão Negra por Direitos', que trabalha para combater o racismo estrutural no esporte e na sociedade em geral. Também discutimos medidas recentes do governo e da CBF para enfrentar o racismo no esporte, incluindo propostas de programas nacionais e punições a clubes infratores. Concluimos destacando a importância da união e da ação coletiva para criar um ambiente esportivo verdadeiramente inclusivo e justo para todas as atletas, independentemente de sua origem ou cor da pele.

3.4.2 Episódio 2

A ideia do segundo episódio, como junção entre temas de disparidade salarial, desafios atuais e análise jornalística sobre a mídia diante de atos racistas no esporte, surgiu após a reformulação do trabalho, quando em conversa com a orientadora, vimos que os episódios três e quatro, de 20 minutos cada, não seriam possíveis de serem feitos. Na ideia inicial, o episódio três abordaria exclusivamente a disparidade salarial das atletas negras em comparação com suas colegas brancas e homens, enquanto o quarto seria uma análise mais ampla realizada por um grupo maior de jornalistas esportivas negras sobre os desafios que enfrentam diariamente e o papel da mídia ao retratar situações racistas no meio esportivo, além da participação efetiva das jornalistas em posições ou programas de destaque.

Contudo, devido à necessidade de mudança, decidimos adaptar os dois roteiros em apenas um, transformando o primeiro bloco no tema da disparidade salarial e das dificuldades atuais enfrentadas por atletas negras no vôlei, e o segundo bloco sobre o mesmo tema, agora focado em jogadoras negras do futebol de campo. Para finalizar o episódio, entrevistamos a primeira jornalista esportiva negra do país - registrada historicamente - e a primeira

comunicadora preta do Avaí Futebol Clube. Ambas compartilharam de forma rápida e objetiva um pouco sobre suas experiências nesta quebra de barreiras e fizeram uma breve análise da mídia diante da cobertura de casos envolvendo preconceitos raciais e de gênero.

No processo de escrita, percebemos que não bastava abordar o presente sem compreender as raízes dos problemas. Assim, decidimos explorar a contextualização histórica para proporcionar uma base que permitisse a qualquer pessoa, mesmo que não acompanhe os esportes mencionados, compreender e se situar no que estava sendo abordado e discutido.

3.5 FORMATO

A escolha de se fazer este produto como uma reportagem sonora em configuração de *podcast* vem da ascensão dos últimos anos de *podcasts* jornalísticos. Após o sucesso do "Presidente da Semana" em 2018, a Folha de São Paulo decidiu lançar o "Café da Manhã", pois ficou evidente a popularização dos *podcasts* jornalísticos no Brasil.

Segundo Foschini e Taddei (2006, p. 22), o *podcast* pode ser definido como:

(...) uma forma de distribuir arquivos digitais pela internet. Vem da fusão de duas palavras: *iPod*, o tocador de arquivos digitais da *Apple*, e *broadcast*, que significa transmissão em inglês. O nome surgiu relacionado ao *iPod*, mas extrapolou a associação e passou a ser utilizado para definir um tipo de divulgação de arquivos de som, vídeo e imagens. O *podcast* tem vários programas, ou episódios, como se fosse um seriado de arquivos. Eles ficam hospedados em um endereço na internet e, por *download*, chegam ao computador pessoal. A divulgação do *podcast* é feita por um arquivo RSS, que traz informações relacionadas aos programas ou episódios. O público assina o *podcast* utilizando um agregador, um programa que interpreta o RSS e faz o *download* das novidades.

Ou seja, quando um *podcast* é publicado na internet, os agregadores de informações atualizam o novo arquivo para o ouvinte. Esta forma de distribuição, além de ser gravada e editada, modifica a relação entre consumidores e produtores de *podcasts*, sendo o produto disponibilizado na internet pelas rádios apenas um áudio gravado de programas ao vivo, não um *podcast*.

No início da elaboração do trabalho, decidimos organizar o material como *podcast*, pois, segundo pesquisa realizada em 2018 pela Associação Brasileira de *Podcasters* em parceria com a Rádio CBN, 79,9% dos internautas escutam *podcasts* com o objetivo de se informar, com preferência para debates (75,4%), entrevistas (55,5%) e reportagens e noticiários (24,9%) (Falcão; Temer, 2019).

Agora, a decisão de fazer uma série de reportagens sonoras veio em razão da proximidade com o tema do TCC, o que nos permite explorar e utilizar melhor os elementos sonoros que ilustram o ambiente e o tema. Marcelo Freire e Débora Cristina Lopez (2011), em artigo na revista "Logos", afirmam:

Entre as estratégias que possibilitam a recriação de cenários e o 'transporte' do ouvinte ao palco dos acontecimentos estão os efeitos e a sonoplastia. Isso porque ao redesenharmos um espaço é preciso incorporar suas marcas para apresentar referências aos ouvintes que permitam identificar esses cenários" (Freire; Lopez, 2011, p. 136).

Portanto, foram adotados elementos como narração de lances, estilo Repórter Esso, efeitos sonoros e entrevistas. Para concluir, a reportagem em formato de *podcast* foi dividida de forma que seus episódios e blocos, mesmo sendo independentes, se complementam em uma narrativa linear que contextualiza o racismo para, em seguida, apresentar o histórico e os relatos de atletas, profissionais e jornalistas esportivas negras.

4. EQUIPAMENTOS E RECURSOS

Para a realização das entrevistas oficiais, utilizamos nossos notebooks pessoais com conexão à internet para conduzir e armazenar os arquivos gerados. Parte das entrevistas foi realizada de forma remota, com algumas gravações feitas por chamadas em aplicativos de videoconferência, como o *Google Meet*, e outras entrevistas sendo enviadas pelos entrevistados via áudio no *WhatsApp*.

As entrevistas presenciais foram realizadas em Florianópolis e algumas em Curitiba, utilizando um *iPhone* para gravar o áudio e o microfone *LARK M2*, garantindo qualidade sonora superior e clareza nas gravações. Para a decupagem do material de áudio gravado, utilizamos o *software Adobe Audition*.

A combinação de entrevistas remotas e presenciais, aliada ao uso de tecnologias acessíveis e de alta qualidade, proporcionou a flexibilidade essencial para o projeto. A

otimização dos recursos disponíveis permitiu a execução do trabalho em um orçamento reduzido, sem comprometer a qualidade do material produzido.

Além disso, utilizamos o laboratório de rádio do curso de Jornalismo da UFSC para gravar algumas entrevistas, aproveitando o equipamento profissional disponível no local.

Serviços	Valor Unitário	Valor Total
2 Macbooks	R\$ 6.500,00	13.000,00
Lapela Mark M2	R\$ 1.500,00	R\$1.500,00
Iphone 6s	R\$ 1.500,00	R\$ 1.500,00
Iphone 14 pro	R\$4.500,00	R\$ 1.500,00
Estúdio de Gravação	R\$1000,00	R\$ 3.000,00
Software Audition	R\$ 95,00	R\$ 190,00
Passagens	R\$ 70,00	R\$ 420,00

5. CONCLUSÃO

Concluimos que ao longo do desenvolvimento do nosso Trabalho de Conclusão de Curso, passamos por mudanças significativas na abordagem e no formato do projeto. Originalmente, planejamos explorar o racismo nos esportes em uma série de cinco episódios de 20 minutos cada, iniciando com uma contextualização e apresentando casos específicos como Rafaela Silva, Vinícius Júnior e Márcio Chagas, culminando em uma mesa redonda de especialistas. No entanto, com a orientação das professoras Melina de la Barrera Ayres e Valci Regina Mousquer Zuculoto, ajustamos nossa abordagem para incluir a intersecção de gênero e raça, dada a complexidade dos desafios enfrentados por mulheres negras no esporte.

Durante o processo, enfrentamos desafios como a tragédia climática no Rio Grande do Sul, que impactou nossas entrevistas, além das preparações para as Olimpíadas e a greve estudantil nacional, que afetaram nossa programação. Diante desses eventos, decidimos concentrar nossa pesquisa em dois episódios de cerca de 20 a 30 minutos cada. O primeiro foca na contextualização histórica das mulheres no esporte, enquanto o segundo aborda a disparidade salarial e os desafios enfrentados por atletas e jornalistas negras.

Este ajuste refinou nosso trabalho, produzindo um material valioso para o entendimento e combate ao racismo no esporte. Além do crescimento acadêmico, a experiência nos permitiu aplicar práticas jornalísticas teóricas e metodológicas de maneira significativa. Para trabalhos futuros, sugerimos a ampliação do estudo para incluir um levantamento mais abrangente das experiências de mulheres negras em diferentes modalidades esportivas, explorando não apenas o racismo estrutural, mas também as políticas de inclusão e representação no esporte contemporâneo.

REFERÊNCIAS

JACQUARD, Albert. Elogio da diferença. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

LOPES, Felipe. Esporte e classe social na sociologia de Pierre Bourdieu. *Revista Espaço e Ética*, v. 1, n. 3, p. 168-182, 2014.

FERRETTI, Marco Antônio de Carvalho; KNIJNIK, Jorge Dorfman. Preconceito de gênero, raça e sexualidade no tênis: tudo isso porque ela tem o corpo para ser uma atleta e não uma modelo fotográfica. In: ENCONTRO DA ALESDE: ESPORTE NA AMÉRICA LATINA: ATUALIDADE E PERSPECTIVAS, 1., 2008, Curitiba. Anais... Curitiba: UFPR, 2008. Disponível em: <http://www.alesde.ufpr.br/encontro/artigos.html>. Acesso em: 16 jun. 2024.

FARIAS, Cláudia Maria de. Superando barreiras e preconceitos: trajetórias, narrativas e memórias de atletas negras. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brazil, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mytYQc3RQ4Kcq4PGLCpFp4q/#>. Acesso em: 17 jun. 2024.

KANTAR IBOPE MEDIA. **Pesquisa Especial Inside Audio 2023**. Publicado em: 20 set. 2023. Disponível em: <https://kantaribopemedia.com/conteudo/estudo/inside-audio-2023/>. Acesso em: 26 jun. 2024.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 8. ed. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. **Relatório anual da discriminação racial no futebol: edição complementar**. Porto Alegre, 2022. Disponível em: https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/Complementar/RELATORIO_DISCRIMINACAO_RACIAL_VERSAO-COMPLEMENTAR.pdf. Acesso em: 23 mai. 2024.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural. 1ª edição. São Paulo: Pólen, 2019.

BRASIL. Código Penal. Decreto-Lei Nº 2.848, de 7 de dez. de 1940. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/Del2848.htm#art140%C2%A73 Acesso em: 15 mai. 2024.

BRASIL. Lei Federal Nº 7.716, de 5 de jan. de 1989. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17716.htm Acesso em: 15 mai. 2024.

DEVIDE, Fabiano Pries et al. Estudos de gênero na educação física brasileira. Motriz: Revista de Educação Física, v. 17, p. 93-103, 2011.

VIANA, Luana. Estudos sobre podcast: um panorama do estado da arte em pesquisas brasileiras de rádio e mídia sonora, v. 39, n. 3, 2020. Minas Gerais. Disponível em: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/24/43248-Texto_do_Artigo-156821-2-10-20201223.pdf. Acesso em: 25 jun. 2024.

FALCÃO, Bárbara Mendes; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. O podcast como gênero jornalístico. Goiânia, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1367-1.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2024.

MAFRA, A.; PADILHA, L.D.; BUFARAH JÚNIOR, A.; ZUCULOTO, V.. A conformação histórica do podcast jornalístico no Brasil: registros e análises preliminares. XIV Encontro Nacional de História da Mídia, Universidade Federal Fluminense, Niterói – RJ, 2 a 4 ago. 2023. Disponível em <https://redealcar.org/anais-eventos-nacionais-14o-encontro-2023/> Acesso em: 27/05/2024

GREGÓRIO, Fabrício; MELO, Beatriz Medeiros de. Preconceito racial no esporte nacional. São Carlos, São Paulo, 2015.

FREIRE, Marcelo; LOPEZ, Debora Cristina. Linguagem radiofônica e jornalismo: um estudo das estratégias estéticas das séries de reportagens da rádio eldorado. **Logos**, [S.L.], v. 18, n. 2, p. 134-145, 30 dez. 2011. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/logos.2011.2158>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/2158>. Acesso em: 27/05/2024

APÊNDICES

Apêndice A - Roteiro do episódio 01

Quebrando Barreiras: Mulheres contra o Racismo no Esporte

Episódio 01 - Contextualização do Racismo e Linha do tempo de mulheres negras no esportes

LOC 1: Francielle Cecília

LOC 2: Evelyn Cazão

TEC: RODA VINHETA DE ABERTURA

TEC: RODA TRILHA 01 E DEIXA BG

LOC 1: Olá, ouvintes!// Sejam bem-vindos ao nosso *podcast* "Quebrando Barreiras: Mulheres Contra o Racismo no Esporte".// Eu sou Francielle Camelo e hoje vamos explorar a questão do racismo vivenciado por mulheres negras no mundo esportivo.//

LOC 2: E eu sou Evelyn Cazão.// Vamos abordar o racismo que mulheres negras enfrentam no esporte, explorando suas raízes, desafios atuais e momentos significativos dessa luta.//

TEC: SOBE TRILHA 01 E DEIXA BG

LOC 1: O racismo no esporte é um problema antigo.// Desde o início das competições esportivas modernas, atletas negras enfrentam barreiras significativas.// No Brasil, o futebol, por exemplo, é marcado por um passado de exclusão e preconceito.//

LOC 2: E essa realidade não mudou tanto quanto gostaríamos de acreditar.// Dados de dois mil e vinte e dois do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística mostram que mulheres negras representam apenas quinze por cento das atletas profissionais.//

LOC 1: Além disso, quarenta por cento das atletas negras relatam ter sofrido algum tipo de discriminação racial durante suas carreiras, e menos de dez por cento ocupam posições de destaque ou liderança em suas respectivas modalidades esportivas.//

LOC 1: Para entender melhor essa questão, ouvimos algumas atletas que vivenciam essa realidade diariamente.// Aline Santos, jogadora de futsal há dez anos, campeã estadual, bicampeã nacional e destaque em diversas competições internacionais, compartilhou conosco sua experiência.// Além de sua carreira vitoriosa, Aline também é ativista pela igualdade racial no esporte e atualmente joga no JASC por Florianópolis.//

TEC: RODA SONORA ALINE 01

DI: *Eu jogo futsal a mais de [...]*

DF: *[...]a gente precisa começar de algum lugar.*

TEC: RODA TRILHA 01 E DEIXA BG

LOC 1: O relato de Aline reflete uma realidade dura e cotidiana para muitas atletas pretas.// Além da pressão comum em competições de alto nível, elas ainda precisam lidar com a discriminação explícita e velada.//

LOC 2: Muito já se falou sobre o papel do esporte no combate ao preconceito racial, reforçando a ideia de igualdade no cenário esportivo. //

LOC 1: Mas, infelizmente, isso não impede o surgimento de atos que nos lembram que o racismo está presente até em esportes menos elitistas.//

TEC: RODA TRILHA 01 E DEIXA BG

LOC 2: O judô é uma modalidade fundamentada em conceitos filosóficos que visam ao desenvolvimento social e humano.// Mas, por incrível que pareça, mesmo com toda a filosofia e disciplina do esporte japonês, constantemente esportistas pretas são vítimas de racismo.//

LOC 1: Talita Libório Moraes é judoca e professora, conhecida por sua dedicação e habilidade no tatami.// Ao longo de sua carreira, ela enfrentou muitos desafios, mas sempre se manteve firme em sua busca pela excelência.// Além de sua atuação como atleta, Talita também se destaca por seu compromisso com a educação esportiva, inspirando jovens atletas

a superarem barreiras e perseguirem seus sonhos com determinação.// Ela estava em seu primeiro combate, na 84ª edição dos Jogos Abertos do Interior, do Estado de São Paulo, em outubro de 2022, quando começaram as ofensas.//

LOC 2: Segundo Talita, ela só percebeu a gravidade dos insultos após a luta, da qual saiu vitoriosa.// Foi então que ouviu repetidamente o grito: “Negrinha, você só ganha roubando”.// Embora tivesse muitas pessoas gritando ao redor, Talita notou um atleta em particular.// Ele tinha uma expressão de ódio e estava apontando o dedo diretamente para ela, tornando suas intenções de insulto e agressão ainda mais claras.//

TEC: RODA SONORA TALITA 01

DI: *Só quando passou a raiva [...]*

DF: *[...] gritando comigo de forma tão agressiva.*

LOC 1: Segundo Talita, ao registrar o boletim de ocorrência na polícia, ela afirmou não ter ouvido os outros xingamentos.// Outras pessoas presentes no ginásio, confirmaram que os gritos de "macaca" e "negrinha" foram repetidos várias vezes.//

TEC: RODA SONORA TALITA 02

DI: *Eu deveria ter chamado [...]*

DF: *[...] porque ele seria preso em flagrante.*

LOC 2: No dia seguinte, Talita ainda teria que lutar.// Sem nenhuma resposta da Secretaria de Esporte e Lazer do Estado de São Paulo, ela subiu aos tatamis e afirmou que não sairia de lá até que algo fosse feito.//

LOC 1: O coordenador técnico do evento conseguiu convencer a judoca a se retirar e continuar a batalha por seus direitos em um local e momento mais apropriado.// Foi então que Talita decidiu desistir de competir na segunda categoria individual.//

LOC 2: Esses depoimentos destacam como o racismo não apenas mina a confiança das atletas.// Mas também cria um ambiente de constante vigilância e julgamento, onde cada erro é amplificado pelo preconceito racial.//

TEC: RODA TRILHA 01 E DEIXA BG

LOC 1: Os impactos do racismo no esporte não se limitam ao desempenho em competições.// Eles também afetam profundamente a saúde mental das atletas.// Para entender melhor esses efeitos, conversamos com Juliana Silva, psicóloga esportiva que atua na seleção brasileira de judô.// Juliana é conhecida por sua abordagem centrada no indivíduo e por seu trabalho focado na saúde mental dos atletas, especialmente em situações desafiadoras como o racismo.//

TEC: RODA SONORA JULIANA 1

DI: *Hoje o meu trabalho ele envolve [...]*

DF: *[...] e o bem-estar emocional.*

LOC 2: Juliana ressalta que a constante necessidade de provar seu valor em um ambiente hostil pode causar sérios danos psicológicos.// A falta de apoio adequado e o isolamento são desafios adicionais que muitas dessas atletas enfrentam.//

TEC: RODA SONORA JULIANA 2

DI: *Então devido a isso [...]*

DF: *[...] forneça suporte psicológico especializado.*

TEC: RODA TRILHA 02 E DEIXA BG

LOC 1: Para ilustrar essa questão, vamos lembrar um episódio marcante envolvendo a judoca Rafaela Silva nas Olimpíadas de 2012, em Londres.// Nascida na Cidade de Deus, periferia do Rio de Janeiro, ela já era esperança de medalha nesta competição.//

TEC: RODA SONORA ELIMINAÇÃO RAFAELA SILVA**TEC: RODA TRILHA 02 E DEIXA BG**

LOC 2: Na sequência, o pior: as críticas das redes sociais à sua desclassificação resultaram em violentos ataques racistas.//

LOC 1: A atleta chegou a retrucar, mas a situação piorou// Ela travou o perfil após receber novas mensagens dizendo que "Olimpíada não é lugar de macaco" e que "era a vergonha para a família".//

LOC 1: O racismo quase fez com que a brasileira desistisse do judô.// Na época, seus treinadores fizeram de tudo para que Rafaela voltasse a competir, já que era uma das principais promessas do país.//

TEC: RODA TRILHA 01 E DEIXA BG

LOC 2: Depois de compartilhar lágrimas com Rafaela nas olimpíadas de Londres, em 2012, Rosicleia Campos, técnica da seleção brasileira de judô, esteve ao seu lado na conquista do ouro olímpico.// Muito antes dessa vitória, a treinadora foi um dos pilares de apoio fundamentais para atleta, ajudando-a a não desistir do esporte mesmo diante de todos os ataques de racismo.//

TEC: RODA SONORA ROSICLEIA 1

DI: *Ela tinha acabado de passar por uma eliminação [...]*

DF: *[...] ela não estava preparada para lidar com algo desse tamanho.*

LOC 1: A prova de superação veio no Rio de Janeiro, em 2013, no campeonato mundial.// Diante da torcida e dos familiares, ela conquistou o título mundial.//

TEC: RODA SONORA ROSICLEIA 2

DI: *é uma vitória[...]*

DF: *[...] mas também sobre o racismo.*

LOC 1: Essa vitória renovou sua confiança e a impulsionou no ciclo olímpico, sagrando-se campeã em 2016, também no Rio de Janeiro.//

TEC: RODA SONORA VITÓRIA RAFAELA SILVA

TEC: RODA TRILHA 01 E DEIXA BG

LOC 1: Assim como Talita e Rafaela vivenciaram no judô, muitas outras mulheres são vítimas do racismo nos esportes que praticam e em que competem.// Essas experiências de discriminação racial não se limitam apenas à violência do preconceito evidente, mas também se manifestam de maneiras sutis e sistemáticas, afetando o acesso a recursos, oportunidades de patrocínio e o reconhecimento de suas conquistas.//

LOC 2: No entanto, as trajetórias desses atletas não são definidas apenas pelos desafios que enfrentam.// Elas também mostram uma resiliência extraordinária e uma determinação incansável, utilizando suas plataformas para promover a igualdade e inspirar mudanças positivas dentro e fora do mundo esportivo.//

TEC: RODA TRILHA 01 E DEIXA BG

LOC 1: No próximo Bloco de Quebrando Barreiras: Mulheres contra o Racismo no Esporte, nós vamos contar um pouco da história das Mulheres Pretas no Esporte.//

TEC: RODA INTERVALO RÁDIO PONTO UFSC

TEC: RODA TRILHA 02 E DEIXA BG

LOC 2: Estamos de volta com o último bloco do podcast: Quebrando Barreiras: Mulheres contra o Racismo no Esporte.//

LOC 1: Desde a era pré-moderna do esporte, no século dezenove até os dias de hoje, mulheres têm lutado para se destacar e vencer o preconceito.// Vamos começar pelos primeiros anos do século vinte, quando esportistas como Alice Coachman nos Estados Unidos e Maria Lenk no Brasil começaram a quebrar barreiras.//

LOC 2: Alice Coachman foi a primeira mulher negra a ganhar uma medalha de ouro nos Jogos Olímpicos, em 1948.// Já Maria Lenk, embora branca, abriu caminho para muitas outras atletas, mostrando que mulheres podem competir em alto nível.// Ela foi a primeira atleta olímpica brasileira, competindo nos jogos de 1932 e 1936.//

LOC 1: No Brasil, uma das primeiras grandes figuras foi a jogadora de futebol Lea Campos, que, nos anos 60, enfrentou resistência e preconceito por ser preta em um esporte em que as até as mulheres brancas eram proibidas de participar.//

TEC: RODA SONORA LEA CAMPOS

DI: *Não, mas vários juízes na época [...]*

DF: *[...] era encontrar um marido rico pra com ele me casar.*

TEC: RODA SONORA BRASILEIRINHO E DEIXA BG

LOC 2: Nos anos 90 e 2000, Daiane dos Santos se destacou como a primeira ginasta brasileira a conquistar uma medalha de ouro em um Campeonato Mundial.// Com uma carreira marcada por habilidade excepcional Daiane enfrentou inúmeros obstáculos, mas sua determinação e talento não só a levaram ao sucesso, como também inspiraram uma nova geração de atletas.//

TEC: RODA NARRAÇÃO CENTÉSIMO GOL DA MARTA

TEC: RODA TRILHA 01 E DEIXA BG

LOC 1: Hoje, atletas como a Marta do futebol continuam essa luta.// Uma das maiores jogadoras de futebol de todos os tempos, é seis vezes vencedora do prêmio de Melhor Jogadora do Mundo da FIFA.// Além de seu talento e conquistas em campo, ela usa sua voz para denunciar o racismo e lutar por igualdade.//

LOC 2: Apesar de todos esses desafios, há movimentos e iniciativas que buscam combater o racismo no esporte e apoiar essas atletas.// Um exemplo é a 'Coalizão Negra por Direitos', que tem criado espaços de discussão e ação contra o racismo.//

LOC 1: A Coalizão Negra por Direitos é uma organização dedicada a promover os direitos e a igualdade para a população negra no Brasil, incluindo o combate ao racismo estrutural no esporte e em outras esferas da sociedade.// Ela realiza ações de conscientização, mobilização e advocacia para promover a inclusão e a justiça racial.//

LOC 2: Além disso, algumas atletas têm usado suas plataformas para levantar a voz contra o racismo.// Marta é uma dessas personalidades.// Ela constantemente fala sobre a importância da igualdade e do respeito no esporte.//

TEC: RODA SONORA MARTA DAS REDES SOCIAIS

TEC: RODA TRILHA 01 E DEIXA BG

LOC 1: As histórias mostram que o racismo no esporte ainda é uma luta constante.// A força das mulheres negras é incrível, mas também mostra o quanto ainda enfrentam injustiças.// Isso tudo nos faz ver como é urgente mudar essa realidade e conscientizar mais as pessoas para um esporte onde todos se sintam realmente incluídos e tratados de forma justa.//

LOC 1: No dia 3 de agosto de 2023, o governo federal anunciou uma série de iniciativas para combater a prática de racismo no esporte.// Estas medidas foram elaboradas por um grupo técnico formado pelo Ministério do Esporte, em resposta a mais um incidente de racismo no futebol ocorrido em junho de 2022.//

LOC 2: Também para combater o racismo, a CBF implementou desde fevereiro a possibilidade de punir clubes.// Os casos serão encaminhados à Justiça Desportiva para aplicação de multa, perda de mando de jogo ou pontos ao clube infrator.//

LOC 1: Para combater a prática no esporte, o grupo técnico elaborou um relatório com 18 propostas que serão fundamentais para um programa nacional contra o racismo.// As iniciativas envolvem entidades esportivas, atletas, torcidas e acesso à justiça, como a criação de selo e prêmio para entidades esportivas antirracistas, suporte psicológico para atletas negras e parcerias educativas entre torcidas organizadas e coletivos.//

LOC 1: Ao terminar esta edição, é importante lembrar que combater o racismo no esporte não é só responsabilidade das atletas afetadas, mas de todos nós.// Vamos nos unir, ouvir suas experiências e agir para promover a igualdade e a justiça.//

LOC 2: No próximo episódio de Quebrando Barreiras: Mulheres contra o Racismo no Esporte vamos falar sobre disparidade salarial e principais desafios de atletas e jornalistas negras.//

TEC: RODA VINHETA DE ABERTURA

TEC: RODA TRILHA 3 E DEIXA BG

LOC 1: Quebrando Barreiras: Mulheres contra o Racismo no Esporte é um Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina de Évelyn Cazão e Francielle Camelo.//

LOC 2: Assessoria Técnica de Roque Bezerra e Peter Lobo.//

LOC 1: Roteiro, locução e edição de Evelyn Cazão e Francielle Camelo.//

LOC 2: Narração da desclassificação da Rafaela Silva de Isabelle Favieri//

LOC 1: Narração da vitória da Rafaela Silva e gol de Marta de Luciano do Valle//

LOC 2: Narração de vinheta de Pietra Simione de Matos.//

LOC 1: Orientação da professora Valci Zuculoto.//

TEC: SOBE TRILHA 3 E BAIXA

FIM DO EPISÓDIO 01

Apêndice B - Roteiro do episódio 02

Quebrando Barreiras: Mulheres contra o Racismo no Esporte

Episódio 02 - Disparidade Salarial e Principais Desafios de Atletas e Jornalistas Negras

LOC 1: Evelyn Cazão

LOC 2: Francielle Camelo

TEC: RODA VINHETA DE ABERTURA

TEC: NARRADOR (narrando estilo Repórter Esso)

DI: *Às mulheres não se permitirá a prática de desportos [...]*

DF: *[...] Decreto-lei três mil, cento e noventa e nove de 14 de abril de 1941.*

TEC: RODA TRILHA 01 E DEIXA BG

LOC 1: Olá, ouvintes!!! Sejam bem-vindos a mais um episódio do nosso *podcast* Quebrando Barreiras: Mulheres contra o Racismo no Esporte.// Sou Évelyn Cazão e hoje vamos falar sobre a disparidade salarial e os principais desafios de atletas e jornalistas negras.//

LOC 2: E sou Francielle Camelo.// Começamos o programa de hoje falando do Decreto-Lei número três mil, cento e noventa e nove, publicado em abril de 1941, durante o período de governo, no Brasil, chamado Estado Novo// O período foi de 1937 a 1945 e à época, o presidente da República era Getúlio Vargas.//

LOC 1: O Decreto proibia as mulheres de praticarem esportes que fossem incompatíveis com as condições da natureza.// De acordo com Seminário Temático seis, de Ana Carolina Izidoro, Mônica Freitas e Nathaly Reis, a medida de proibição só foi publicada após o presidente receber uma série de cartas com críticas sobre o futebol feminino, alegando que poderia prejudicar as atletas em relação à maternidade.//

LOC 2: Em agosto de 1965, na Ditadura Militar, a determinação foi ainda mais agravada.// As mulheres foram proibidas de praticar esportes de qualquer natureza.// O que incluía o futebol de campo, salão ou praia, pólo, beisebol, rugby e voleibol.//

LOC 1: O decreto foi vigente no Brasil até 1979 e a profissionalização das mulheres no esporte só aconteceu em 1983.// Ou seja, durante mais de quarenta anos, de 1941 a 1979, no Brasil, as mulheres foram proibidas de praticar qualquer esporte considerado incompatível com o corpo feminino.// Dificultando o avanço das modalidades femininas e ocasionando um atraso em relação ao masculino.///

LOC 2: De 1983 até os dias atuais o cenário vem avançando constantemente.// Muitas lutas são travadas todos os dias// Principalmente quando as atletas enfrentam o preconceito de gênero e o de raça, juntos.//

TEC: RODA TRILHA 01 E DEIXA BG

LOC 1: Há diferença de salários entre homens e mulheres em várias modalidades esportivas.// No Brasil, por exemplo, as esportistas ganham até quarenta por cento menos no futebol de campo// A informação está no artigo Desigualdade Salarial no Futebol Feminino: Uma Análise Profunda, de Rafael Carvalho, publicado em janeiro de 2024.// E essa disparidade se acentua ainda mais quando falamos de mulheres negras.//

LOC 2: Além do Decreto-lei, outros motivos diversos resultam nessa desigualdade de remuneração.// Para entendermos um pouco mais, vamos recapitular a história de alguns esportes no nosso país.//

TEC: RODA EFEITO RECAPITULAÇÃO E CORTA

LOC 1: No voleibol, por exemplo, a equipe feminina brasileira estreou nas Olimpíadas em Moscou, em 1980.// Mas só quatro anos depois uma mulher negra integrou o grupo de doze atletas.//

LOC 2: O nome dela é Eliani Oliveira// Abriu os caminhos e foi a primeira voleibolista brasileira negra a disputar uma Olimpíada.// Em 1988, disputou a competição pela segunda vez, ao lado de Márcia Fu que tinha dezenove anos.///

TEC: SOBE NARRAÇÃO DE LANCE MÁRCIA FU

TEC: RODA TRILHA 01 E DEIXA BG

LOC 1: A revelação da jovem jogadora negra, Márcia Fu, é uma das principais justificativas para o início de uma maior representatividade da negritude nas seleções.// Segundo análise de Carlos Eduardo Bizzocchi, publicada em fevereiro de 2024 no Volley University.//

LOC 2: O interesse e a procura da população negra a prática do vôlei aconteceu na década de 1980.// Quando o voleibol foi impulsionado através das transmissões em televisão aberta entre 1982 e 1984.//

LOC 1: Mas, mesmo com jogadoras negras na seleção brasileira de vôlei, alguns clubes com equipes federadas ainda não as aceitavam em suas categorias de base ou adultas//

LOC 2: Os times que abriam suas portas para a contratação das esportistas, limitavam o acesso delas apenas ao ginásio.// Sem a possibilidade de circular ou frequentar outras áreas de uso comum como vestiários e lugares de alimentação///

LOC 1: Na Olimpíada de 1992, disputada em Barcelona, as negras representavam um terço da seleção brasileira feminina de vôlei.// Das doze jogadoras integrantes da equipe, somente quatro eram negras: Márcia Fu, Hilma, Tina e Fofão.//

TEC: SOBE NARRAÇÃO LANCE BRASIL X CHINA

LOC 2: Em toda a história, a seleção brasileira de vôlei disputou onze torneios olímpicos.// Ao todo, setenta e quatro atletas vestiram a camiseta e só dezessete eram negras.//

LOC 1: Contudo, o vôlei hoje em dia é um ponto fora da curva.// Dentre todos os esportes mais praticados no Brasil, ele é a única modalidade em que as mulheres têm a oportunidade de ter salários superiores aos homens.// A informação está na matéria de Nana Adnet no portal Correio Braziliense.//

LOC 2: Mas essa situação nem sempre contempla as esportistas negras.// Para Camilly Ornellas, jogadora profissional de vôlei do Tijuca Tênis Clube, do Rio de Janeiro, a igualdade

ainda parece bem distante.// É preciso enfrentar duplo o duplo preconceito, o de gênero e o de raça.//

TEC: RODA SONORA CAMILLY 01

DI: *As pessoas sempre acham que a gente pode fazer muito recebendo pouco [...]*

DF: *[...] uma pessoa branca com uma pessoa preta. Isso é muito claro.*

LOC 1: Camilly joga há onze anos no Tijuca Tênis Clube// Já passou por todas as categorias como pré-mirim, mirim, infantil, infanto-juvenil, adulto e há alguns anos está no profissional.//

LOC 2: Ela conta pra gente um pouco da sua trajetória no mundo esportivo// sendo uma mulher negra em um time onde a maioria é composto por atletas brancas, ela ouviu muitas frases racistas ao longo da caminhada.//

TEC: RODA SONORA CAMILLY 02

DI: *Consciência racial é uma coisa que a gente demora para ter [...]*

DF: *[...] imposto no nosso dia a dia, mas a gente não percebe.*

TEC: RODA TRILHA 01 E DEIXA BG

LOC 1: Reforçando o que já foi dito// Um fator agravante que as atletas negras enfrentam é a combinação entre o preconceito de gênero e raça.// Muitas vezes elas ganham menos, têm menos visibilidade e patrocínio, além da cobrança a mais em relação às colegas brancas//

TEC: RODA SONORA CAMILLY 03

DI: *A diferença que existe é a seguinte, historicamente, a gente está [...]*

DF: *[...] Não, deixa ela ai que ela aguenta mais, pode ir.*

LOC 2: A cobrança citada pela jogadora destaca o potencial de alto desempenho de atletas negros e negras, ao longo dos anos.//

LOC 1: A alta *performance* é comprovada geneticamente// segundo Fernanda Letícia de

Souza em *A triste realidade do preconceito racial nos esportes*, publicado pelo site Central de Notícias Uninter.// As pessoas negras possuem um percentual maior de células musculares de contração rápida, responsáveis pela velocidade, potência e explosão muscular.// O que não justifica a exigência excessiva em cima dessas atletas.//

LOC 2: Mesmo com muita dedicação e disciplina, as atletas negras ainda enfrentam mais obstáculos e são subvalorizadas// tanto em termos de salários quanto de reconhecimento.// A diferença salarial reflete diretamente na carreira dessas atletas.//

TEC: RODA SONORA CAMILLY 04

DI: *As pessoas não acreditam que é possível a gente vencer [...]*

DF: *[...] mas ainda tem uma grande luta pela frente.*

TEC: RODA TRILHA 01 E DEIXA BG

LOC 1: Essa disparidade afeta a carreira e o futuro dessas atletas.// Se uma jogadora não ganha o suficiente, ela precisa encontrar outras fontes de renda ou até mesmo abandonar sua profissão.// Além disso, a desproporção entre os salários é um reflexo da falta de respeito e igualdade no esporte.//

LOC 2: Algumas sugestões do que pode ser feito para reduzir essa diferença, é por exemplo, a transparência salarial nas organizações esportivas.//

LOC 1: O aumento da visibilidade das mulheres negras no esporte e políticas mais inclusivas.// A jogadora de vôlei Camilly Ornellas, fala um pouco sobre as mudanças que estão acontecendo e qual a sua esperança para as mulheres negras em um futuro próximo.//

TEC: RODA SONORA CAMILLY 05

DI: *Dentro do esporte, aos poucos a gente tá conseguindo [...]*

DF: *[...] não tratem a gente com diferença.*

LOC 2: Entre tantos desafios diários das atletas negras, além da disparidade salarial elas precisam lidar com constantes ataques enquanto realizam o seu trabalho.//

LOC 1: Os casos de injúria racial aumentaram significativamente nos últimos cinco anos// Isso inclui desde ofensas verbais, como chamadas de "macaca"// até atos depreciativos como o lançamento de banana em direção às jogadoras e a depredação de seus pertences.// A informação também está em *A triste realidade do preconceito racial nos esportes*, de Fernanda Letícia de Souza.//

LOC 2: No início do ano, dia vinte e seis de janeiro, Camilly e duas colegas de elenco do Tijuca Tênis Clube, do Rio de Janeiro, Dani Suco e Thaís Oliveira, enfrentaram atos racistas durante uma partida contra o Curitiba Vôlei, do Paraná.//

LOC 1: Dani Suco, quando foi para o saque ouviu um grupo de torcedores fazendo os sons de macaco e estranhou o que estava acontecendo.// Ela contou pra gente como foi o momento.//

TEC: RODA SONORA DANI SUCO

DI: *Eu escutei em alto e bom som muitas pessoas fazendo barulhos [...]*

DF: *[...] colocam no lugar de animais mesmo e isso é inadmissível, inadmissível.*

LOC 2: Depois de Dani Suco perceber o que estava acontecendo, foi conversar rapidamente com a colega Thaís Oliveira.// O breve diálogo ocorreu ainda dentro de quadra// Thaís falou que no início dos xingamentos não tinha ouvido pois estava focada no jogo// Mas depois percebeu o momento que começavam os insultos///

TEC: RODA SONORA THAÍS OLIVEIRA

DI: *Quando a gente fazia a troca de quadra, da troca de set [...]*

DF: *[...] você passar por isso é um sensação de impotência.*

LOC 1: Além da Thaís Oliveira, Dani Suco que foi quem começou a ouvir os gritos da torcida, também foi conversar com a Camilly Ornellas.// Ela relata o impacto que dá ouvir esses insultos racistas enquanto trabalha.//

TEC: RODA SONORA CAMILLY 06

DI: *Nosso ambiente de trabalho [...]*

DF: [...] caramba, realmente, em pleno 2024 e isso tá acontecendo.

LOC 2: Além da preocupação com as atletas atuais// há um esforço contínuo para proteger as futuras gerações,// reduzindo o impacto do racismo e preparando-as para enfrentar preconceitos.// Camilly Ornellas, jogadora e instrutora em escolinhas de vôlei, compartilha sua visão sobre os alunos saberem se posicionar diante das dificuldades.//

TEC: RODA SONORA CAMILLY 07

DI: *Eu sou professora também, além de ser atleta, trabalho em algumas [...]*

DF: [...] saibam se posicionar, eles não precisam ter medo.

LOC 1: No próximo bloco de Quebrando Barreiras: Mulheres contra o Racismo no Esporte, nós vamos falar um pouco sobre a disparidade salarial das jogadoras de futebol e os principais desafios das jornalistas esportivas negras.//

TEC: RODA INTERVALO RÁDIO PONTO UFSC

TEC: RODA TRILHA 02 E DEIXA BG

LOC 2: Estamos de volta com o último bloco do Quebrando Barreiras: Mulheres contra o Racismo no Esporte.//

LOC 1: Embora o Brasil seja o país do futebol, a distinção é grande entre homens e mulheres que praticam a modalidade.//

LOC 2: Assim como no primeiro bloco, nós vamos precisar dar um breve pulinho no passado para entender como chegamos na situação atual.//

LOC 1: Apesar da proibição do futebol feminino pelo decreto-lei número três mil, cento e noventa e nove, de 14 de abril de 1941// nossas atletas quebram recordes de desempenho.//

LOC 2: Mas se para as mulheres o futebol já é uma modalidade difícil de seguir profissionalmente, a situação fica mais complicada quando envolve gênero com raça.///

LOC 1: A seleção brasileira feminina disputou sua primeira partida em 1986.// Em confronto com o Estados Unidos em um amistoso internacional, que perdeu por dois a um.//

LOC 2: Em 1988, Roseli de Belo, conhecida também como a atacante de gols bonitos, foi a primeira jogadora negra que integrou a equipe da seleção brasileira.// Mas o primeiro título só aconteceu em 1991, quando o Brasil foi campeão da Copa América Feminina.//

TEC: RODA NARRAÇÃO GOL ROSELI 01

LOC 1: Roseli também foi campeã da Copa América em 1995.// Além de participar dos jogos olímpicos em 1996, 2000 e 2004, quando aposentou-se da seleção brasileira.//

TEC: RODA NARRAÇÃO GOL ROSELI 02

LOC 2: Na sul-americana de 1998, Roseli foi artilheira marcando dezesesseis gols.// Foi medalha de ouro no Pan-Americano de 2003 e prata nas Olimpíadas no seu último ano representando o Brasil.//

TEC: RODA TRILHA 02 E DEIXA BG

LOC 1: Com o passar do tempo, a seleção feminina de futebol foi se fortalecendo e teve jogadoras negras habilidosas como Pretinha, Formiga, Marta e Cristiane.//

LOC 2: Marta conseguiu bater o recorde não apenas entre as jogadoras mulheres em nível mundial, mas também entre os homens do Brasil.// Conquistou seis Bolas de Ouro, prêmio mundial da Federação Internacional de Futebol Associado, FIFA, nos anos de 2006 a 2010 e a última em 2018.//

LOC 1: Marta tem o dobro de Bolas de Ouro quando comparado a segunda colocada do futebol feminino, Birgit Prinz, da Alemanha.// Já em comparação com os homens, a camisa dez da seleção brasileira fica atrás apenas de Lionel Messi que tem oito prêmios da FIFA.//

LOC 2: Mas quando comparamos as premiações de Marta com os jogadores brasileiros ela

novamente ultrapassa todos.// Com seus seis troféus, ela bateu o recorde de todos juntos, Ronaldo Fenômeno com dois, Rivaldo, Ronaldinho Gaúcho e Kaká com um, totalizando cinco.///

LOC 1: Mesmo Marta sendo destaque mundial seis vezes// a valorização nacional só aumentou após a desclassificação do Brasil na Copa do Mundo Feminina de 2019.// Isso foi evidenciado pela declaração de Marta em uma entrevista pós-jogo à Globo// emissora oficial da transmissão da competição naquele ano.//

TEC: SOBE BG E CORTA

TEC: RODA SONORA MARTA

DI: *Não vai ter uma formiga pra sempre [...]*

DF: *[...] chore no começo pra sorrir no fim.*

LOC 2: Mas assim como no vôlei, no futebol a conquista pela igualdade salarial entre homens e mulheres ainda é algo bem distante.///

LOC 1: Segundo a análise do portal CNN Brasil, as jogadoras de seleções em 2023 ganharam, em média, apenas vinte e cinco centavos para cada dólar ganho pelos homens na Copa do Mundo de 2022// Os dados são da FIFA e da Federação Internacional dos Jogadores Profissionais de Futebol.///

LOC 2: Siméia Alves da Silva, de trinta e seis anos e natural de Jundiaí, São Paulo, acumula passagens por dez clubes ao longo de sua carreira.//

LOC 1: Entre seus títulos, destacam-se a Copa do Brasil pelo Botucatu, o tricampeonato paulista com Botucatu em 2009 e com Rio Preto em 2016 e 2017, além do campeonato brasileiro em 2015 e dois vice-campeonatos em 2016 e 2018, também pelo Rio Preto.

LOC 2: Siméia, atual zagueira do Avaí Kindermann, de Caçador no estado de Santa Catarina, nos conta sobre o seu ponto de vista em relação à remuneração no Brasil.///

TEC: RODA SONORA SIMÉIA 01

DI: *Aqui no Brasil infelizmente não vai acontecer [...]*

DF: *[...] a gente tá muito longe de outros países lá fora.*

LOC 1: Além dos desafios da disparidade salarial, as atletas negras também enfrentam o racismo e o machismo no seu dia a dia.//

LOC 2: Siméia, jogadora do Avaí Kindermann ressalta que o preconceito existe até hoje no futebol feminino embora seja menor do que antigamente.//

TEC: RODA SONORA SIMÉIA 02

DI: *Era muito discriminado o futebol feminino [...]*

DF: *[...] hoje existe mas um pouquinho menos.*

LOC 1: As mulheres precisam sempre correr atrás do tempo perdido, principalmente no futebol.// A maioria das jogadoras, por exemplo, começou jogando com os meninos na rua ou na escola sem ter a oportunidade de jogar em uma escolinha de futebol como acontece com os homens.//

TEC: RODA SONORA SIMÉIA 03

DI: *O início da minha trajetória foi muito complicado [...]*

DF: *[...] a gente jogava mais na escola.*

TEC: RODA TRILHA 02 E DEIXA BG

LOC 2: Mesmo com punições cada vez mais severas das organizações responsáveis pelos campeonatos// com multas que variam até cem mil reais, por exemplo.// as jogadoras continuam sendo alvos de preconceitos raciais nos estádios.//

LOC 1: Em 2021, apenas no futebol, houve um aumento de cento e seis por cento nos casos de injúria racial.// Em 2020, foram registrados trinta e uma ocorrências, enquanto em 2021 o número subiu para sessenta e um.// Todos relatados por atletas insultados por colegas ou torcedores,// conforme dados publicados no relatório do Observatório da Discriminação Racial no Futebol.//

TEC: RODA SONORA SIMÉIA 04

DI: *o futebol é muito gostoso, muito amoroso [...]*

DF: *[...] questão de quem comete esse ato.*

LOC 2: No futebol, as mulheres negras estão ocupando espaço não somente dentro das quatro linhas, mas também no Jornalismo Esportivo.//

LOC 1: De acordo com o Observatório da Discriminação Racial no Futebol, a primeira jornalista esportiva negra que se tem registro no Brasil é a Vera Daisy Barcellos, em 1978// A gaúcha trabalhou durante dezesseis anos na Zero Hora, cobrindo esportes amadores e olímpicos.///

TEC: RODA SONORA VERA DAISY BARCELLOS

DI: *Se nós observarmos a questão do racismo [...]*

DF: *[...] mais caras pretas nos veículos de comunicação.*

LOC 2: Mais de quarenta anos depois de Vera Daisy Barcellos ser a primeira jornalista negra a trabalhar com esportes no Brasil// Mais comunicadoras pretas seguem lutando e conquistando novos espaços//

LOC 1: Em 2019, por exemplo, Maria Heloísa Vieira, de Florianópolis, de vinte e seis anos, quebrou barreiras ao se tornar a primeira mulher negra a trabalhar na comunicação do Avaí Futebol Clube, em Florianópolis./// Ela conta mais sobre como foi o processo.//

TEC: RODA SONORA MARIA HELOÍSA 1

DI: *Quando eu cheguei no Avaí eu fui a primeira mulher negra [...]*

DF: *[...] eu acabei quebrando essa barreira.*

LOC 2: Em análise de como a imprensa realiza as coberturas e reportagens de casos de racismo no esporte// Maria Heloísa Vieira nos conta que acha as coberturas superficiais e explica o porquê.///

TEC: RODA SONORA MARIA HELOÍSA 2**DI:** *As pessoas já devem ter ouvido a seguinte frase [...]***DF:** *[...] pessoas brancas precisam entender o seu papel.***LOC 1:** Maria Heloísa Vieira ressalta também que muitos meios de comunicação chamam a comunicadora negra somente quando é para falar sobre alguma pauta sobre racismo.///**TEC: RODA SONORA MARIA HELOÍSA 3****DI:** *A gente também sabe conversar sobre a partida que rolou [...]***DF:** *[...] sobre aquela partida de futebol feminino.***LOC 2:** De acordo com a análise realizada por Maria Heloísa Vieira, as mulheres negras seguem sendo a minoria nas transmissões e no meio do Jornalismo Esportivo principalmente//**LOC 1:** Ainda segundo Maria Heloísa Vieira, em muitos casos jornalistas negras só são chamadas a programas de expressão ou a posições de destaque quando o assunto é sobre preconceito racial.//**TEC: RODA SONORA MARIA HELOÍSA 4****DI:** *Não é porque a gente é mulher negra jornalista que só deve falar [...]***DF:** *[...] mas é só sobre racismo, tá.***LOC 2:** Com todos os dados apresentados sobre a disparidade salarial, informações dos desafios enfrentados por atletas negras no vôlei e no futebol// além de falas e análises da jornalista Maria Heloísa Vieira sobre o papel da imprensa em casos de racismo// Chegamos ao fim do segundo episódio Quebrando Barreiras: Mulheres contra o Racismo no Esporte.///**TEC: RODA VINHETA DE ABERTURA****TEC: RODA TRILHA 3 E DEIXA BG****LOC 1:** Quebrando Barreiras: Mulheres contra o Racismo no Esporte é um Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina de Évelyn Cazão e Francielle Camelo.//

LOC 2: Assessoria Técnica de Roque Bezerra e Peter Lobo.//

LOC 1: Roteiro e locução de Evelyn Cazão e Francielle Camelo//

LOC 2: Edição de Barbara Amaral, Evelyn Cazão e Francielle Camelo.//

LOC 1: Narração de lance da Márcia Fu de Osmar de Oliveira do SBT.//

LOC 2: Narração do lance entre Brasil e China de Luiz Alfredo, da Rede Globo.//

LOC 1: Narração dos gols de Roseli de Belo por Luciano do Vale.//

LOC 2: Narração de vinheta de Pietra Simione de Matos.//

LOC 1: Narração de decreto-lei estilo reporter esso de Gabriel Phillipi./

LOC 2: Orientação da professora Valci Zuculoto.//

TEC: SOBE TRILHA 3 E BAIXA

FIM DO EPISÓDIO 02

ANEXOS

Anexo A - Ficha do Trabalho de Conclusão de Curso - Jornalismo UFSC

FICHA DO TCC	Trabalho de Conclusão de Curso JORNALISMO UFSC		
Ano	2024.1		
Alunas	Evelyn Danyelle Cazão dos Santos e Francielle Cecília dos Santos Camelo		
Título	QUEBRANDO BARREIRAS: Mulheres Contra o Racismo no Esporte		
Orientadora	Valci Regina Mousquer Zuculoto		
Mídia		Impresso	
	X	Rádio	
		TV/Vídeo	
		Foto	
		Website	
		Multimídia	
Categoria		Pesquisa Científica	
		Produto Comunicacional	
		Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
		Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração: .
		() Livro-reportagem (x) reportagem	() Florianópolis (x) Brasil () Santa Catarina () Internacional () Região Sul País: _____
Áreas	Reportagem em Áudio; Rádio Jornalismo, Esportes; Atletas, Racismo, História		
Resumo	Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado "QUEBRANDO BARREIRAS: Mulheres Contra o Racismo no Esporte", investiga o racismo enfrentado por mulheres no esporte, onde se intersectam preconceitos de gênero e raça. Apresentado em		

	<p>reportagem em áudio, com configuração de <i>podcast</i> jornalístico com dois episódios, utiliza pesquisa documental e entrevistas para dar voz às atletas afetadas. O objetivo é informar, inspirar mudanças, e promover maior conscientização sobre a importância da igualdade de gênero e raça no esporte, contribuindo para um ambiente esportivo mais justo e inclusivo para todas as mulheres.</p>
--	---

Anexo B - Declaração de autoria e originalidade

DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE

Nós, Évelyn Danyelle Cazão dos Santos e Francielle Cecilia dos Santos Camelo, alunas regularmente matriculadas no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 19104030 e 16104829, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **QUEBRANDO BARREIRAS: Mulheres Contra o Racismo no Esporte** é de NOSSA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO.

Estamos CIENTES de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), “em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis”.

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 02 de julho de 2024

Assinaturas